NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 142 MAIO 1957

O MISTÉRIO DE MARIA — (A PROPÓSITO DO MÊS DE MAIO) — Filipe Rocha 145

A BÍBLIA À LUZ DA IGREJA — Cláudio Teixeira 149

PERSPECTIVAS E PROBLEMAS — Luís Moita 158

DAS PRIMEIRAS PINTURAS QUE TRATAM DE NOSSA SENHORA E SEU SIGNIFICADO — Francisco Nuno 163

PANORAMA — PORTUGAL VISTO POR OLHOS FRANCESES — Fernando Micael 169

LIVROS NOVOS — J. Augusto Pereira 173

CRÓNICA — Noronha Galvão 174

Casa Peyroteo

Artigos de 1.ª qualidade

para

Todos os Desportos

SOCIDEL—Soc. Com. de Artigos de Desporto L.da

Rua Nova do Almada, 52

LISBOA

Escola de Condução de Automóveis

«A POPULAR»

DIRECÇÃO TÉCNICA DE

ALBERTO PIRES

TELEF. 721891 LISBOA

Motos, ligeiros e pesados

AVENIDA DE MADRID, N.º 3-C

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

*A casa mais antiga do País no seu género-***Fundada em 1832**-*Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166-170*

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

NOVELLAE OLIVARUM

Director — ALBERTO NETO SIMÕES DIAS

Redactores — JOSÉ POÇAS RIBEIRO / CLÁUDIO MARQUES TEIXEIRA

Administradores — ALBINO MAMEDE CLETO / AVELINO BARATA PINTO

Proprietário e Editor — IRENEU MARQUES CLEMENTE

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 174

BAYER

Rioplex

100 % uprama

ESCOLHA O TOM PRETO PRÓPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**RIOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**RIOPLEX**» SÃO **RESISTENTES** E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

LARG. 1,50 **PREÇO 80$00**

CNN

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Uma frota ao serviço da Nação e do Império

MOÇAMBIQUE — ANGOLA — NIASSA — ÍNDIA
TIMOR—ROVUMA—MOÇÂMEDES—SOFALA—QUANZA—ZAMBÉZIA—SAVE
LURIO—S. TOMÉ—NACALA
TAGUS—CHINDE—ANGOCHE—6 REBOCADORES—33 BATELÕES

Num total de cerca de 200.000 tons.

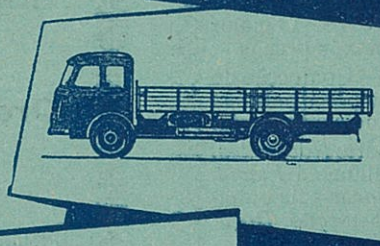
LIGANDO PORTUGAL À ÁFRICA E AO ORIENTE

MERCEDES-BENZ

AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



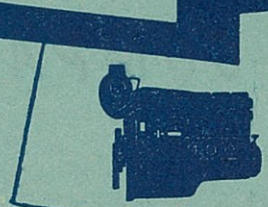
AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o terreno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO

União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBOA

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Eurico & Rosa L.da

Rua das Pretas, 18-20

LISBOA

Armazenista distribuidor das principais fábricas de material eléctrico. Instalações eléctricas, campainhas, telefones, força motriz, etc., etc.

Orçamentos gratis

Telef. — 24410 / 20783

Descontos especiais ao Clero

FUNDADA EM 1756

"Genáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

O MISTÉRIO DE MARIA

A PROPÓSITO DO MÊS DE MAIO

MARIA — MISTÉRIO DE PREDILECÇÃO

É quase lugar comum afirmar que a génese do amor divino não é idêntica à génese do amor humano. Examinemos, com efeito, o processo psicológico do homem que pretende amar uma pessoa. Como procede? Observa primeiro quais, dentre todas as que conhece, possuem as qualidades e virtudes com que ele sonha; dentre essas escolhe uma; depois afeiçoa-se-lhe e, por fim, procura despertar em si o amor. Quer dizer, o amor do homem a seu semelhante não produz nele as qualidades que o tornam amável; ao contrário, pressupõe-nas como causa ou condição indispensável do seu afecto.

Porém, mesmo na génese do amor, isto é, no processo psicológico da afeição — falando à maneira humana — Deus é infinitamente superior ao homem. Desde toda a eternidade, Deus decreta amar uma pessoa. Tal ente vem à existência em determinado momento... É esse decreto amoroso de Deus que produz a bondade deste ser. Por outras palavras: Deus não nos ama porque somos bons; somos bons porque Deus nos ama. A Bondade de Deus é que explica a bondade das criaturas quer na ordem ontológica, quer na ordem moral. Na esfera ontológico-moral, isto é, no âmbito da liberdade, Deus exige a nossa cooperação com o Seu amor. Mas esta perspectiva transcende o âmbito destes apontamentos.

É o amor — dizíamos — que explica toda a obra de Deus. A Criação manifesta-o: e a história das Suas intervenções na vida do homem depois da queda mais não é que a história de um duelo entre o Seu amor misericordioso e a maldade da criatura espicaçada pelo ódio de Satan.

Uma vez que o amor de Deus é assim a razão explicativa da bondade e da beleza das criaturas, fácil é concluir que, se um ser é melhor e mais belo que outro é porque foi mais amado por Deus; porque Deus o amou com predilecção, deu-lhe maiores dons. Em resumo: As criaturas são boas porque Deus as ama; e, quanto melhores são, maior predilecção de Deus manifestam.

Que dizer então da Virgem toda bela e toda pura, santa e imaculada, rainha dos Anjos e Mãe de Deus? O Espírito Santo como que faz em Maria uma experiência completa da Obra de santificação que pretende realizar nas almas no tempo da Igreja. E o modelo saiu magnífico, digno — quanto é possível realizar numa criatura — do Artista divino.

Sem dúvida, Maria é a mais perfeita de todas as criaturas — depois de Cristo — porque Deus n'Ela poisou de forma singular Seus olhares de amor. O Mistério da Virgem é assim a prova irrefragável da predilecção singular do Altíssimo para com Aquela que é Mãe do Seu Cristo.

MATERNIDADE DE GRAÇA

O Mistério Marial não se compreende sem se ter em conta a Sua dependência e inserção no Mistério Cristológico. O Mistério de Jesus é a incarnação perfeita do Mistério de Deus; e o Mistério da Virgem, a participação mais completa do Mistério de Cristo.

Toda a grandeza de Maria deriva da Sua participação na dupla grandeza do Homem-Deus: dignidade de natureza humana unida Hipostàticamente ao Verbo e tornada Cabeça de toda a Humanidade e Fonte de todas as graças. Maria é Mãe de Deus — Maternidade divina; e Mãe dos homens — Maternidade de graça ou espiritual. A Maternidade divina é a raiz de todas as prerrogativas da Virgem. Sem pretendermos inverter os valores queremos demorar-nos na consideração da Sua Maternidade de graça.

Jesus não instituiu no Calvário (1) os laços espirituais que nos unem a Sua Mãe; apenas lhes imprimiu o selo da Redenção. Para descobrir a origem de tais laços, é preciso retroceder até à Incarnação. Maria é nossa Mãe pelo facto de ser Mãe do Deus feito Homem. A Maternidade espiritual da Virgem não se vem justapor à Sua Maternidade divina, nem inserir nela por uma disposição exterior; ao contrário, dela dimana por uma espécie de floração íntima e extensão inevitável.

A cena do Calvário não marca o começo mas, a consagração de um estado. É na incorporação em Cristo que devemos procurar o misterioso fundamento da nossa filiação espiritual em relação à Virgem. Maria, concebendo o Cristo total, gerou-nos a todos n'Ele. Gerou-nos no sofrimento. No Gólgota, Ela sente, em seu coração maternal, o peso de todas as esperanças e anseios espirituais do género humano. A sua presença corporal junto à cruz reveste este mistério de uma espécie de consagração sacramental.

Maria é Mãe dos homens. É Mãe em especial dos cristãos não apenas considerados singularmente mas enquanto reunidos na sociedade fundada por Jesus. Isto leva-nos a comparar o Mistério de Maria com o da Igreja.

CONTEÚDO MARIAL DO MISTÉRIO ECLESIOLÓGICO

Não há apenas uma simples semelhança entre o mistério da Igreja e o de Maria. Existe uma conexão objectiva tão íntima que o que convém à Igreja, Mãe do Cristo Místico, se realizou primàriamente na existência pessoal de Maria. «Tudo o que encontramos nos livros santos acerca da magnificência, brilho e santidade da Igreja é justamente apropriado, em todas as partes do universo, à Virgem gloriosa» (2). E S. Ambrósio exclama: «Como são belas coisas que, sob a figura da Igreja, foram profetizadas acerca de Maria» (3). Eis algumas semelhanças:

---

(1) Jo. 19/26-27.
(2) Driedo em «*De Regula et Dogmat. Sacrae Scripturae*» (1556), t. I, pág. 121.
(3) «*De Institutione Virginis*», c. 14, n. 89.

O mesmo Jesus que a Virgem concebeu no seu seio, gera-O a Igreja todos os dias. Assim como a Virgem gera o Cristo terrestre, a Igreja gera o Cristo Eucarístico.

Ambas são Virgens e ambas são Mães.

Maria deu aos pobres o Salvador; a Igreja dá-lhes a Salvação.

O mesmo Verbo que uma concebe do Espírito Santo fá-lO a outra conceber no mesmo Espírito.

Maria concebeu o seu Filho sem pecado; a Igreja destrói o pecado em todos os que regenera.

Maria gerando Jesus, torna-se mãe de uma multidão (Jesus é o Primogénito entre muitos irmãos); a Igreja, regenerando, pelo banho baptismal, uma multidão, torna-se mãe da unidade: «ut sint unum».

A Igreja como Maria junto à Cruz, oferece a Deus o Sacrifício Redentor de Cristo.

«Uma e outra dão a Deus Pai uma posteridade. Maria sem pecado forneceu, ao Corpo, a Cabeça; a Igreja, na remissão dos pecados, dá o Corpo a esta Cabeça. Portanto ambas são Mãe de Cristo, mas nenhuma dela O gera Todo sem a outra» (4).

Na vitória total e incessante da graça em Maria, vê a Igreja o anúncio da sua própria vitória. E no mistério da Assunção — triunfo perfeito e definitivo da graça, mesmo no Seu corpo virginal — celebra a Igreja a promessa e antecipação do seu próprio triunfo.

A Igreja representa para a Redenção subjectiva o que Maria representa para a Redenção objectiva. No seu conjunto, pode dizer-se que o mistério da Igreja e o da Virgem são «apenas um único mistério» (5).

DEVOÇÃO MARIAL

A devoção a Maria é uma consequência de tudo o que fica dito. «Maria Mãe de Deus e nossa Mãe amantíssima é um dom preciosíssimo do Coração Sacratíssimo de Jesus» (6). Elevada à ordem hipostática, Mãe de Deus está junto da Divindade; filha de Adão e Mãe dos homens está perto da nossa raça — É Medianeira.

Embora criatura, coopera na nossa Salvação. Maria está no centro do cristianismo. Daqui deduz um teólogo protestante que o dogma marial «é a expressão mais clara da heresia católica pois ele é o dogma crítico a partir do qual se esclarecem todas as outras posições católicas» (7).

Os protestantes não sentem nem compreendem a nossa felicidade: ter Maria por Mãe. Desta felicidade resulta uma obrigação: comportar-nos segundo a nossa dignidade. Os deveres do cristão não são pesos que o oprimam; ao contrário, são exigências da sua dignidade e elementos de maior elevação espiritual.

Aí está a devoção à Virgem como um meio acessível e necessário desta elevação. «Os países e povos que perderam a fé na divindade de Cristo, são precisamente aqueles que abandonaram a devoção a Sua Mãe» (8).

---

(4) Isaac de l'Étoille, *sermo 61.*
(5) Ruperto Maria de Manresa.
(6) Enc. *Haurietis aquas* de Pio XII.
(7) Karl Barth em *Die Kirchliche Dogmatik*, I, 2 (1938) pág. 157 e 160
(8) Newman em «*Du culte de la Sainte Vierge dans l'Église catholique*» pág. 138.

Neste ano, o mês de Maio fica dentro do tempo pascal. A liturgia é, e será sempre, a grande oração e a grande pedagogia da Igreja. O ano litúrgico tem como fundamento a celebração do mistério de Cristo. Ora o mistério de Maria encontra-se profundamente inserido no mistério de Seu Filho. Assim, os mistérios da Virgem sentem-se e vivem-se muito melhor enquadrados no tempo litúrgico que «descarnados» dele.

O mês de Maio não se sobrepõe a este tempo, mas vem dar-lhe um cunho, uma tonalidade, uma ambiência acentuadamente marial. Recorda o papel de Maria no mistério pascal; oferece ensejo, devido a razões histórico-psicológicas que é inútil enumerar — sobretudo para nós portugueses — de abrir o nosso espírito e o nosso coração ao mistério da Virgem.

Maria realiza em si o Mistério de Jesus num grau tão profundo e tão íntimo que a mais ninguém foi dado igualar. Mãe de Jesus, está ligada a seu Filho por privilégios absolutamente singulares do ser e da graça. Todo o seu mérito consiste em ter desposado, com uma extraordinária aplicação de todo o seu ser, o doloroso destino do seu Jesus.

Foi Ela quem mais participou no mistério de Cristo; é Ela quem mais nos pode fazer aproveitar dele.

Imitação da Virgem na Alegria da Ressurreição; comunhão de inteligência e vontade, de compreensão e amor. No fundo, a devoção à Virgem é ainda um mistério de Amor.

FILIPE ROCHA

Temos necessidade duma mãe redentora que, por muito celeste que ela seja no mais profundo do seu ser, não se afaste, contudo, assustada, quando as mãos sujas de seus filhos a ela se agarram, ou quando aqueles que a desconhecem e que praticam o mal rasgam a sua veste nupcial.

Temos necessidade duma mãe pobre porque nós somos filhos pobres.

KARL ADAM

A BÍBLIA À LUZ DA IGREJA

Um factor característico do renovamento na Igreja em nossos dias é o desejo crescente de ir beber às Fontes, onde jorra em pujança de vida a Palavra que Deus fez ouvir ao mundo, repassada de vivências, de experiências intensamente humanas.

Hoje, o tédio pelas «teorias», sendo por vezes sintoma de anti-intelectualismo, exprime no fundo a procura dum conhecimento mais existencial, que não se encerra na abstracção, embora só esta lhe garanta a solidez. Por isso se compreende o dominante interesse do pensamento actual pela «condição humana» mais que pela «natureza» do homem e umas das garantias de vitória das mensagens é a sua densidade no plano da realidade *pessoal*. Tais exigências da mentalidade hodierna influenciam naturalmente e sob o sopro do Espírito Santo o chamado movimento bíblico, que nem por isso deixa de mergulhar as suas raízes na palavra dos últimos Pontífices desde Leão XIII. «O rejuvenescimento cristão actual, caracterizado pelo retorno à Liturgia, à Bíblia e aos Santos Padres, reencontra também a religião no seu aspecto central, o de Deus-Homem: o coração deste rejuvenescimento é, com efeito, uma realidade transcendente, *verdadeira,* mas incarnada no tempo, *pessoal,* chamando-nos, empenhando-se numa aventura humana: Jesus Cristo» (1).

Todo o movimento se arrisca a falhar, quando não é fertilizado por um espírito que o anime e lhe dê consistência. É necessário, pois, evitar orientações que descurem as exigências «teóricas» à mira de resultados «práticos». Começa o movimento bíblico a difundir-se no nosso país. Mas é evidente que não basta lançar evangelhos e bíblias, quando isso equivale, na maior parte dos casos, a colocar o Livro Santo nas mãos de quem não sabe o que ele é. Não existindo em mentalidade a *síntese* que unifique e situe no seu justo valor as partes várias da Bíblia, esta poderá parecer uma colecção de textos e factos, cujo alcance profundo se não vislumbra.

É, pois, bem claro que a actual difusão bíblica exige preparação dos espíritos. Pretendem estas linhas sugerir alguns *princípios gerais* que poderão orientar o contacto com a Bíblia e enraizar a receptividade proporcionada à essência da Palavra do Senhor. Tal receptividade estrutura-se em quatro bases:

1) Ter o senso da Palavra de Deus, 2) da História da Salvação, 3) da Bíblia como Mensagem de Deus, 4) o senso eclesial no contacto com a Bíblia.

1) Bíblia — Palavra de Deus

Ter o senso da Revelação é, evidentemente, a base de qualquer contacto com a Palavra de Deus. Mais do que preliminar lógico, este senso da Revelação deve ser a

(1) CH. MOELLER — «*Mentalité contemporaine et Evangélisation*», pg. 23.

alma de toda a formação bíblica. A pastoral da PALAVRA tem por objectivo essencial fazer que os homens tomem consciência de que a Revelação é *presença* de Deus na História do homem, um *facto* iniludível, uma *verdade* que se impõe, uma Pessoa que intervém, enfim o que se exprime com sólida clareza nesta frase: *Deus falou.*

Nunca são demasiados os esforços por evitar que a mensagem cristã pareça ser um ponto de chegada do pensamento, um produto da reflexão do homem, pois «o cristianismo não entrou no mundo como um sistema filosófico, mas como um facto histórico» (²). Não é isto, porém, um problema de ensino, é sobretudo problema de *mentalidade* a criar, de espírito a animar toda a vida católica. É ouvir falar Deus pela Bíblia, na catequese, na pregação, nas devoções, em conferências ou estudos, é fazer sentir que o cristianismo consiste em viver a Mensagem de Deus, na Igreja. E então, sim, está a estruturar-se a mentalidade cristã no *senso da Revelação,* finalidade suprema de toda a Pastoral da Mensagem. Para isto, não é suficiente ler a Bíblia, exige-se uma boa orientação de todo o contacto com a Sagrada Escritura.

Um dos primeiros passos é ensinar o dogma da INSPIRAÇÃO. Nem se objecte que tal exigência é utópica. Não pregaram os Santos Padres esse dogma, em linguagem simples, atraente e acessível ao povo, o povo cristão de outrora que conhecia, amava as Sagradas Escrituras e nelas alimentava a sua fé? O contacto com a Bíblia tem, de si, um *valor sacral:* sacral, pela força própria da Palavra de Deus. Por isso, nota o Santo Padre na encíclica «Divino Afflante Spiritu»: «as páginas sagradas, escritas sob a inspiração do Espírito Divino, abundam só por si em significados originais; *dotadas de força divina,* valem por si mesmas». Ora a Liturgia é o meio mais propício para assimilar a atitude sacral para com o Livro Santo. Faz parte do esforço pela participação dos fiéis na Missa conferir à sua parte catequética o carácter de autêntica celebração da Palavra. Assim como o povo cristão deve adquirir a consciência do mistério sacrificial da Consagração, é necessário proporcionar-lhe também a convicção interior de que... *Deus vai falar.* É que na celebração litúrgica da Palavra de Deus actuam três causas da sua sacralidade — à força própria da Palavra e à sacramentalidade da Liturgia junta-se o valor sacral da leitura em comunidade. Com efeito, a Revelação de Deus foi feita primàriamente ao Povo — realidade comunitária — e também Jesus disse: «onde estiverem dois reunidos em Meu nome, Eu estarei no meio deles». Consequentemente, é exigência essencial da Palavra de Deus dar maior importância à leitura da Bíblia em comunidade, embora a leitura particular não deixe de possuir o seu valor próprio de contacto íntimo com Deus e de condição preparatória ou consecutiva de maior fertilidade da leitura comunitária. Um objectivo concreto da pastoral será o retorno à leitura da Bíblia em família. Analisando um pouco, descobrir-se-ão os grandes mananciais de graça e de aprofundamento da vida cristã, que daí hão-de brotar.

Não se deixe, porém, de notar a faceta humana do mistério da Inspiração. É mistério semelhante ao da Incarnação este da «condescendência» do Verbo divino ao verbo humano, adoptando-lhe — excepto o erro e a indignidade — todas as possibilidades e deficiências, de tal sorte que não é menos certo serem homens quem nos fala do que ser Deus quem nesses homens se nos revela. Deus, para nos salvar, assumiu

---

(²) J. JUNGMAN — «*Catéchèse*», pg. 63.

a natureza humana; para nos falar fez palavra humana a sua própria Palavra. E isto é tão verdadeiro que, para vermos com exactidão e profundeza o que o Senhor nos quis dizer, é necessário conhecer o hagiógrafo nas suas vivências intensas das realidades divinas, na sua psicologia própria, na sua «condição humana», na sua expressão característica, no meio ambiente em que transmitiu a mensagem. Pois nunca se pode deixar de ter presente que Deus nos está a falar *pelo homem*... É em virtude desta contextura tão humana do mistério da «condescendência» divina que Pio XII afirma na já citada encíclica: «o intérprete, com todo o esmero e sem descurar nenhuma luz que hajam trazido as investigações mais recentes, esforçar-se-á por distinguir qual foi a índole própria e o teor de vida do escritor sagrado, em que época floresceu, que fontes escritas ou tradição oral usou, que formas de linguagem empregou. Pois deste modo melhor poderá conhecer quem foi o hagiógrafo e o que ele, escrevendo, quis significar». Os estudos arqueológicos e históricos situam o enquadramento humano da vida e ser do hagiógrafo e colocam-nos na perspectiva em que se compreende o alcance e finalidades da sua mensagem. Com efeito, a Revelação dirige-se a um povo, cuja vida se desenvolve em determinado ambiente e quadro históricos e só *através* destes se dirige aos homens de todos os tempos.

Sem os estudos psicológicos não estamos no plano de conaturalidade em que se pode sentir a força viva da palavra de quem teve experiências humanas, por vezes tão intensas e temperamentais, da Revelação divina. Deus incarna as suas mensagens nas próprias fibras do psiquismo dos «profetas», assume o estado de alma provocado pelos seus problemas e casos pessoais, como meio de expressão da realidade divina, transcendente. Acontece até surgirem personalidades que são elas mesmas uma mensagem, um «sinal». Ouviremos Deus a desabafar por causa do «adultério» do Seu povo escolhido, se não conhecermos a amargura de Oseias pela infidelidade de sua esposa a um amor sempre fiel? (3) Não será maior o relevo da religião pessoal e de amor pregada por Jeremias, se tivermos em mente que esse homem sensível se entregou a uma Pessoa: «Tu, Yahweh, me seduziste...»? (Jer. 20-7).

Deus quis comunicar aos homens os pensamentos divinos, em linguagem humana. Mas esta possui uma enorme variedade — muitos são os modos de falar, diversas as relações que as palavras podem ter com o pensamento a exprimir . Nós, portanto, para conhecer os pensamentos divinos na mente do profeta ou escritor sagrado, aprofundaremos que relações há entre eles e as suas palavras. Enfim, o conhecimento dos chamados géneros literários é necessário para dignamente se proclamar e receber a Mensagem. Não tendo em conta, por exemplo, o carácter simbólico da narração da Queda, reduz-se a uma grosseira imagem este facto profundo e tão fundamental na mensagem cristã. Não se baseando na estrutura própria da parábola, nos seus limites e alcances, na hierarquia significante dos seus elementos, ou a aplicação será desconjuntada e inexacta, errónea ou redundante, ou não aprofundará todo o seu ensinamento... Os estudos arqueológicos, históricos, psicológicos e literários elevam-se, portanto, a um nível de *importância pastoral* — nem é outra a sua mais profunda razão de ser, na exegese da Palavra de Deus... A pregação não é, evidentemente, dissertação científica, mas não deixa de ser verdade que ela deve ter como

(3) Cf. Os. 3/1.

alicerce e raiz — condição da sua fertilidade — as conclusões sólidas deste esforço por ir ao âmago da palavra humana de Deus. Para iniciar os nossos cristãos — a começar pelas «élites» e depois todo o povo — não será exagero fazer conferências bem orientadas, dar nas edições da Bíblia notas que resumam as conclusões dos estudos referidos quando forem necessários para um maior aproveitamento da Palavra do Senhor, desenvolver cada vez mais uma literatura acessível de iniciação na leitura da Escritura Sagrada.

Como Jesus Cristo Deus-Homem, assim a Bíblia — palavra humana do Senhor — será o providencial lugar de encontro do homem com Deus, num plano de proporcionalidade, de relação de pessoa a pessoa, de homem a homem em quem Deus fala.

2) Bíblia e História da salvação

A actuação da Providência de Deus na história dos homens, pode desenvolver-se dentro da dimensão humano-temporal ou transcendê-la. Realiza-se esta última alternativa na História da Salvação. Efectivamente, nela confere a Providência à história humana uma *dimensão divina,* pelo facto de a encaminhar para uma finalidade não só imprevisível pelos homens como ainda por eles inatingível — a participação na vida de Deus, fruto da Incarnação do Verbo. Tal finalidade sobrenatural, juntamente com as intervenções divinas da mesma ordem, marca a História com o selo da *Presença de Deus,* plena em Cristo, continuando-se na Igreja.

É próprio da história situar-se num mundo de *pessoas* e, assim, nos aparece Deus na Bíblia mais como Pessoa que intervém do que Força trascendente, exercendo uma função meramente directiva. A «Aliança» é expressão clara desta qualidade *pessoal* da actuação de Deus na história, aliança que exige *resposta* constante de recusa ou aceitação. Mas a plenitude desta intervenção pessoal de Deus, não só na história de Israel como em toda a História é, sem dúvida, o Verbo Incarnado, Deus-Homem ente os homens.

Entramos, pois, na Bíblia em contacto com pessoas, mentalidades, ambientes, movimentos que se interinfluenciam, realizando a evolução da vida dos homens no tempo — a História. Além da pessoa colectiva — o Povo — (cuja dimensão pessoal é vincada intensamente pela doutrina da solidariedade), é imprescindível considerar as «personalidades-chaves» da história, que profundamente a influenciam ou impulsionam, essas personalidades que são verdadeiros marcos na caminhada do Plano da Salvação.

Veio Deus inserir a sua actuação no contexto histórico da actuação humana. E assim, apesar de Ele a conduzir, a História não deixa de ser o que é — obra de homens. Em virtude desta dimensão bivalente, a História da Salvação só se compreende como tal, através da sua dimensão humana. Deus entra, faz-se *presente* dentro da órbita dum «meio» humano. Para situar no seu valor autêntico a intervenção de Deus e lhe compreender o alcance profundo há, pois, que conhecer, quanto possível «ao vivo», o seu *termo* — esse mundo pessoal no grau de receptividade, de *maturação* para Deus actuar. Só assim perceberemos em que medida se insere um sentido divino nos acontecimentos, pessoas e realidades — Deus a realizar *no humano* o Plano da Salvação. Sem esta entrada vivencial no mundo de pessoas da história bíblica, não aprofundaremos como reagiram os homens perante os factos causados

por Deus — revelações, milagres, intervenções providenciais — ou de que modo os motivaram. Não tendo consciência de estar dentro dum conjunto de vivências pessoais, é-nos difícil ver que há factos e personagens que são *mensagens* divinas. Atender às relações do Povo Eleito com os outros que, nas várias épocas, o enquadraram permite relevar o carácter único da sua história. Assim se situa, consequentemente, a importância teológica, em última análise, do estudo histórico dos meios bíblicos e das civilizações que os rodearam, tanto no Antigo Testamento como no início do Novo.

Além de pessoal, é a história uma realidade *dinâmica,* uma caminhada. É, pois, da máxima importância considerar que os acontecimentos não são, factos isolados, mas interinfluenciam-se, têm antecedentes e consequentes. Devemos relacioná-los, descrevendo o «processus» em que estão encadeados, assinalando as suas repercussões no Futuro ou os seus pontos de partida no Passado.

Assim, o facto maravilhoso do Êxodo, onde é nítida a intervenção pessoal de Deus, não pode ser visto como acontecimento isolado, quando ele foi, indubitàvelmente, um factor decisivo para o avanço na História da Salvação, na fase em que ela se desenvolvia na história de Israel. Do mesmo modo os acontecimentos «tipos» (em sentido técnico) devemos relacioná-los com os factos ou realidades por eles prefigurados ou que são sua plenitude. De contrário, estaríamos a minimizar o sentido da Palavra de Deus (4).

Todavia, nem todas as realidades na vida dos homens são factores nítidos do seu desenvolvimento histórico, mas só aquelas que deste são as *linhas de força.* Na História da Salvação — onde Deus fala e age — é necessário distinguir as linhas de força históricas das da Revelação. Quanto às primeiras já houve referência à «Aliança» e à correspondente exigência de Fidelidade. Mas há a notar ainda que a realização progressiva do Plano da Salvação está ritmada em dois tempos: «falência» (pelo homem) e «restauração» (por Deus). Na Revelação, podem considerar-se linhas de força ou *constantes* cada vez mais intensificadas o Monoteísmo-moral e o Messianismo, cuja plenitude e esplendor é a revelação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por conseguinte, ao tomar contacto com determinado tema em certa fase da Revelação, é sempre útil e, por vezes, indispensável descobrir-lhe os antecedentes ou a sua plenitude nas outras fases. Um tema da pregação de Jesus, por exemplo, poderá brilhar com maior esplendor se virmos como nele se eleva à plenitude a correlativa constante temática no Antigo Testamento...

A História da Salvação deve, portanto, ser considerada numa perspectiva *dinâmica.* E que um *plano* a realizar-se exige uma vista de conjunto, desenvolve-se numa *linha de caminho.* Não basta focar uma simples correspondência intelectual entre a Antiga e a Nova Aliança, apresentando a primeira apenas ou dominantemente como prefiguração da segunda. Pois se é certo que Cristo veio «não abolir, mas completar» (Mt. 5/17), a Aliança Antiga, devemos considerá-la como gérmen da Nova e Eterna. O Antigo Testamento não prefigura apenas o Novo, *prepara-o,* caminha para ele. Em consequência, a entrada concreta no seu mundo dá maior abertura à Men-

---

(4) Efectivamente, o sentido típico tem de ser revelado, porque é uma significação simbólica e prefigurativa de realidades futuras, inserida por Deus em certos factos, pessoas ou coisas.

sagem e Realidade do Novo Testamento. Sem esta perspectiva, não veremos profundamente que este é o ponto de chegada, a fase definitiva, a plenitude da Antiga Aliança, nem brilhará aos olhos da fé com maior luz e relevo toda a Mensagem e essência da Aliança Nova e definitivamente Eterna. É por não entender assim as relações entre os dois Testamentos que, por vezes, merece aplicação a palavra do P.e Démann: «Não se tem impressão de estar a tratar-se de *história,* de algo de contínuo e progressivo. Não aparece a alma que unifica as narrações bíblicas — o desígnio único da nossa Redenção, manifestado e realizado progressivamente por Deus no desenrolar da história... Nesta perspectiva, Cristo e o Evangelho (acrescentaríamos: e a Igreja) não aparecem como plenitude, uma flor a coroar a planta que atingiu a maturidade». (5).

3) Mensagem de vida

O contacto com a Bíblia não deve ter uma finalidade meramente doutrinal, pois não a lemos apenas para a conhecer, assimilamo-la para a viver.

Este sentido da Bíblia como Mensagem de vida engloba os aspectos anteriormente considerados — Palavra de Deus e História da Salvação. Continuando na ordem de ideias referente a este último, poderíamos analisar um pouco o alcance vivencial desta verdade: a Bíblia cria o sentido *divino, dinâmico* e *colectivo* da História. Pelo facto de se estruturar sobre a realização do Plano da Salvação ao longo da história dos homens, o Livro Santo tem como sua constante a expressão da Providência, da Presença de Deus no mundo humano (5).

Numa época em que os homens, adquirindo maior consciência da universalidade, se preocupam cada vez mais com o sentido da sua História, a noção de Providência, através da Bíblia, deve vincar-se mais profundamente na mentalidade cristã. «A Providência é uma realidade central do universo religioso; a «fortiori» do universo cristão fundado sobre a intervenção de Deus na história *para salvar a história*» (6).

Aprofundando mais a consideração do sentido divino da vida humana, veríamos que a Sagrada Escritura nos faz assimilar ao vivo a concepção *total* do homem: criatura de Deus; pessoal, chamado por isso a dar resposta à Aliança; mas pecador, podendo construir o seu destino só com o auxílio de Deus; ponto central do mundo; ser bivalente: humano por natureza, divino por vocação e qualidade — a graça que «nos veio por Jesus Cristo». (Jo. 1/21). O nosso tempo tem no desconhecimento da realidade humana integral a fonte da sua contradição. Mas na Bíblia podemos adquirir a consciência viva de que «não há mais remédio para a superar (a contradição), além do regresso ao verdadeiro realismo, o realismo cristão que abraça com a mesma certeza a dignidade do homem e também as suas limitações, a capacidade de superar-se a si mesmo, e ainda a realidade do pecado» (7).

---

(5) Em «*La Catéchèse chrétieme et le peuple de la Bible*», pg. 33-35.

(5) Leiam-se, a este respeito, as visões do livro de Daniel e a 2.ª parte do Livro da Sabedoria.

(6) CH. MOELLER — «*Mentalité moderne et Évangélisation*», pg. 24.

(7) Da Mensagem Natalícia de 1956 — Pio XII.

Ao falar das categorias do pensamento hebraico, diz um autor que o mundo para o grego é um espectáculo; para o hebreu, o lugar onde se age. Esta visão dinâmica, a situar o homem *dentro* da existência, tem algo de paralelo às tendências do pensamento actual, entusiasta pelas expressões «fenomenológicas» da «situação» do homem no mundo; insistindo sobre a sua condição *real* (constante expressa no cinema e na literatura); proclamando a sua missão histórica. Ora, na Bíblia, o homem, na sua dupla dimensão de Indivíduo e Povo é responsável pela história, integra-se no colectivo. E este senso do universal, tornando-se mentalidade através dos meios de difusão, caracteriza a época hodierna. O cristão autêntico deve, portanto, estar impregnado do sentido da solidariedade comunitária, indo assimilá-lo na Bíblia.

Deseja-se hoje um «mundo melhor». A este propósito, seria interessante um confronto com a mensagem marxista, cuja nota fundamental é a realização futura da sociedade perfeita. Este «messianismo» profano não deixa de ter afinidades com o «messianismo» bíblico. O Marxismo possui também a sua «escatologia», não transcendendo embora o plano temporal; o cristianismo, porém, prepara já no tempo o ultra-tempo, e através do mundo material e espiritual dos homens.

O princípipo orientador neste esforço por ajudar a viver a Bíblia é dar às mensagens, factos e pessoas, o *valor-vida* que eles possuem na sua situação histórica e no enquadramento da economia cristã. É necessário refazer o contexto vivencial. Como as mensagens divinas se dirigem ao *homem*, no fundo, *sempre igual*, nós saberemos hoje recebê-las, na medida em que por meio das circunstâncias concretas de antanho conhecermos a *zona fundamental* do homem por elas alvejada. E assim, ao aplicar à nossa vida certa mensagem condensada num tema, pessoa ou facto bíblicos, estabeleceremos o paralelo comparando o nosso contexto vivencial com aquele em que ela se fez ouvir. Por exemplo, frente à mentalidade actual retomamos a pregação do Senhor nos Evangelhos, a dos Apóstolos nos Actos e nas Epístolas em paralelo com o seu enquadramento de então. A pregação era «quérygma», proclamação, pregação de «choque» em relação à mentalidade que a rodeava. Ora «que o sal se possa tornar insípido, bem no-lo diz o Evangelho. E se nós vivemos mais ou menos tranquilos no mundo, talvez a razão seja estarmos tépidos» (8).

4) Ver a Bíblia «em Igreja»

Para compreender a razão de ser deste título basta ter em mente que na Sagrada Escritura não ouvimos toda a Mensagem de Deus, não esquecendo, portanto, a *totalidade* da Revelação...

A Tradição — no sentido de transmissão de *toda* a Palavra de Deus — engloba também a Revelação escrita, a qual é, muitas vezes, resumo, continuação ou fixação da Revelação pregada. Resumo, continuação, fixação supõem um ponto de partida em relação ao qual adquirem todo o seu alcance. A Bíblia, portanto, não se vê a toda a luz sem ser enquadrada na Tradição — enquanto transmissão de *toda* a Mensagem ou enquanto é um dos meios em que esta se proclama.

Há, porém, uma razão mais total para exigir este confronto com a Tradição.

---

(8) H. LUBAC — «*Méditation sur l'Eglise*» pg. 173.

A Revelação de Deus é *uma só* quer seja fixada na escrita quer se transmita pela palavra. Bíblia e Tradição constituem uma *síntese;* devem ser, pois, consideradas um todo único e não como duas fontes separadas. Por conseguinte, situar-se-á a Bíblia no conjunto total da Revelação, sob pena de a Mensagem divina nela expressa ser talvez minimizada ou não se contemplar em todo o esplendor. Ora só na Igreja, à luz do seu organismo magisterial (9), podemos contactar com toda a Mensagem de Deus e abarcá-la numa perspectiva de *conjunto total.* A Ela confiou o Senhor a transmissão fiel e viva do «Depósito» da Revelação — as Sagradas Escrituras e a Palavra pregada (10). No seu Magistério, a Igreja integra a Tradição e assim dirige *toda* a Mensagem Divina a todos os homens, de todos os tempos, com todos os problemas vitais, em todas as «situações» (transmissão *viva* e actual). É na Igreja que a Palavra de Deus permanece até ao fim dos tempos. Não quer isto dizer que a Revelação continue, mas pelo facto de a Igreja lhe conservar fielmente o conteúdo objectivo e poder explorar-lhe todo o seu sentido inexgotável, ela permanece em plenitude e com uma actualidade perene: o mesmo Espírito Santo, que a deu, continua a actuar desenvolvendo-lhe todo o sentido...

Ver a Bíblia em Igreja (comunidade de Salvação) e à luz da Igreja (instituição salvífica) é exigido pela própria essência da Revelação, que se dirige primàriamente à comunidade, e aos indivíduos enquanto nela se integram ou com ela se relacionam. Isto é, a Revelação tem sempre um alcance comunitário do qual não se deve alhear o indivíduo que com ela entra em contacto. Esta visão comunitária da Bíblia permite o plano de conaturalidade em que se assimila a sua estrutura e significado profundos — o Livro Santo, exprimindo a História da Salvação, vê o homem na sua dimensão de «Povo» (nota dominante no Antigo Testamento) e na de «Reino de Deus» (tema elevado à plenitude no Novo). A história é uma realidade comunitária, desenrolando-se na linha de caminhada da «Humanidade» (integrando, sem dúvida, os indivíduos como pessoas). Assim, na Bíblia, o indivíduo não se isola; insere-se na marcha colectiva ao longo dos tempos. Não esqueçamos, porém, que a História da Salvação não se encerrou com a última palavra dos livros do Novo Testamento; na mesma linha de continuidade realiza-se ela, hoje e até ao fim dos tempos, pela Igreja, a qual é a plenitude da dimensão comunitária dessa História. Portanto nós hoje, no século XX, constituímos a Igreja a realizar no Mundo humano a História que o salva.

O contacto com a Sagrada Escritura deve, pois, estar impregnado pela consciência de inserção numa *situação de conjunto,* na sociedade onde Deus fala e na qual nós continuamos a realizar *em comum* a História bivalente — divina e humana — por ela expressa. A Igreja deve aparecer a todos os homens como a realidade comunitária dinâmica, de dimensão histórica, em fluência da Mensagem de Deus, realizando-a em plenitude e manifestando-a em esplendor.

Proclamando a Igreja nesta perspectiva, temos como receptividade naturalmente fértil o sentido colectivo-dinâmico do homem de hoje, que deseja ver-se a realizar a história num movimento de conjunto. Ela corresponde a tais aspirações e diviniza

---

(9) É luminosa a distinção entre «comunidade de salvação» e organismo ou «instituição salvífica».

(10) I Tim. 6/20.

o homem, dando ao mesmo tempo — ou por isso mesmo — um sentido estável e total à própria elevação material e temporal da vida humana. Hoje, a mentalidade cristã, melhor, católica, pode salvar este senso da solidariedade comunitária, em perigo de degenerar num colectivismo amorfo ou atrofiante ou esmagador do indivíduo.

É, porém, na Liturgia que este *senso da Igreja* se assimila numa fértil perspectiva bíblica, aparecendo o Livro Santo como realidade central, inseparável da Comunidade do Povo de Deus, como fonte do sentido da vida cristã. Este ver a Bíblia «em Igreja», este *senso eclesial* no contacto com o Livro de Deus poderá receber-se através da celebração *comunitária* da Palavra e pelo facto de o Ano Litúrgico ser vivência estruturada da História da Salvação. Se a Bíblia impregnar a catequese, for frequentemente ouvida nas reuniões de formação da Acção Católica, lida na comunidade familiar, etc., sempre em relação com a vivência litúrgica da Palavra de Deus — enquanto seu ponto de partida ou termo de plenitude — adquirir-se-á a consciência de que o Livro Santo é o Livro da Igreja, da vida comunitária cristã. E este senso eclesial evitará à própria leitura particular o espírito individualista. Mas ao contrário, não poderá este infiltrar-se pouco a pouco, inconscientemente embora, se num louvável esforço lançarmos entre o povo cristão Bíblias e Evangelhos, mas sem ele sentir que *é a Igreja* a transmitir-lhe o Livro Santo e a iluminar o seu significado? Dar esta dimensão eclesial à vida cristã do nosso povo é a principal preparação da receptividade proporcionada à essência da Palavra de Deus. De contrário, desenvolveremos uma actuação cheia de intenções magníficas, mas talvez imbuída de inconsciente espírito «protestante»....

Cada um não poderá atingir, só por si, a alma interior da Bíblia. Só vendo o Livro Santo *à luz da Igreja e em Igreja,* ele aparecerá como a Palavra que Deus nos diz, a História Salvadora em que estamos inseridos, a Mensagem Divina que dá sentido a toda a vida dos homens.

CLÁUDIO TEIXEIRA

«MÚSICA SACRA»

Esta excelente revista brasileira, publicada em Petrópolis e dirigida por Fr. Romano Koepe, O. F. M., transcreveu no n.º 1 deste ano (XVII da sua publicação) a crónica sobre o 1.º Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica, em Assis da autoria do nosso professor de Liturgia Sr. P. José Ferreira, publicada no n.º de Novembro último de «Novellae Olivarum».

Os nossos agradecimentos e saudações amigas.

PERSPECTIVAS E PROBLEMAS

Há um certo número de assuntos que pela sua actualidade e pelo seu interesse humanístico e pastoral, devem ser frequentemente encarados por nós numa visão objectiva, profunda, sincera. Só assim nos prepararemos para poder enfrentar os problemas da vida futura, solucionando-os equilibradamente.

Um destes assuntos que devemos considerar, sobre o qual mais ou menos vezes devemos fazer incidir a nossa atenção, é precisamente o conjunto de problemas que o cinema levanta ao mundo de hoje. Tanto mais que é por todos reconhecida a necessidade que tem o padre de compreender, por dentro e por fora, a realidade cinematográfica, ao menos sumàriamente.

Nesta ordem de ideias pretenderam-se apontar aqui alguns aspectos de interesse geral, aliás francamente inspirados na magnífica obra de Henri Agel — «Le Cinéma».

I — Sociologia do cinema

Se observarmos um pouco, superficialmente que seja, a posição actual do cinema no mundo, nós concluímos que a arte cinematográfica atingiu na vida de hoje um papel preponderante e que, por outro lado, há uma ignorância e uma imcompreensão por parte da nossa sociedade, em face dos problemas que o cinema levanta à consciência contemporânea.

É a partir desta dupla verificação — importância do cinema, incompreensão do público — que se vai desenvolver toda a nossa linha de pensamento.

Comecemos por nos situar no campo dos factos e para isso consultemos, logo no início do livro de Agel, um conjunto de dados estatísticos resultantes dum inquérito, cujo título era: «o que é que o público procura no cinema?» A conclusão é precisamente aquela que nós esperamos. O inquérito até era desnecessário — a cada passo encontramos a resposta para ele: o público vai ao espectáculo cinematográfico procurando distracção, esquecimento, evasão, euforia. Só uma percentagem mínima de espectadores foge desta banalidade, indo ao cinema considerado como obra de arte, procurando num filme aquela autêntica mensagem de que ele é a expressão material.

Mais ainda: o inquérito mostra-nos que a principal atracção, o primeiro centro de interesse da massa dos espectadores está precisamente na vedeta e no «sex-appeal». Por outras palavras, o público, em vez de seguir um interesse cultural ou artístico, prefere procurar alguma coisa que satisfaça os seus instintos inferiores.

É evidente que ao dizer-se isto não se pretende separar o cinema daquele carácter de espectáculo que distrai, pois todos reconhecemos que há necessidade imperiosa

de aliviar o espírito, de esquecer as preocupações da atribulada vida de sociedade. O que se condena é que se vá a um filme procurando, na distracção, não a real obra de arte, mas uma óptima forma de satisfazer as tendências menos elevadas.

VEDETISMO — *É principalmente de notar a fascinação provocada pela vedeta (1), fascinação esta que é o principal factor do êxito duma fita. Esta exploração das grandes «estrelas» tem, como é de prever, péssimas consequências, pois vai dar ocasião ao exibir exagerado dos intérpretes mais populares, descuidando o verdadeiro sentido artístico.*

O vedetismo estabelece assim como que um culto com base nas capacidades de emoção dramática ou de sedução física. E é por isto que o cinema já foi chamado a mitologia do século XX. Um simples passeio nas ruas, ao longo dos Quiosques de jornais, mostra-nos até que ponto estamos arriscados a retroceder para um politeísmo difuso, cujas divindades seriam as grandes vedetas de que os nomes andam na boca de toda a gente.

Multiplicam-se os exemplos em que a verdade da história e a autenticidade da arte são sacrificadas ao valorizar do intérprete que já não se amolda ao espírito do personagem que representa. Desaparece a arte cinematográfica, para dar lugar a uma parada sumptuosa.

Influência do cinema

Consideremos, por outro lado, o poder de fascinação que exerce o cinema. Diante da tela, isolado na obscuridade, o espectador vê desenrolar-se diante dos seus olhos, um mundo diferente do mundo normal; em certo sentido, ele identifica-se com o intérprete, passa viver outras vidas, a sentir outros dramas; torna-se permeável a um sem número de sensações, que não pode escolher nem dominar.

O filme é ordenado para o espectador, é feito em função da sua afectividade, com o fim de o arrancar à vida normal e mergulhá-lo numa espécie de sonho consciente que o deleita.

Não admira que o indivíduo de fraca personalidade e de formação deficiente se deixe conduzir por este influxo, que vem ao encontro do seu gosto e das suas aspirações. O espectador em contacto com o universo fílmico, deixa de desempenhar o simples papel de assistente, para participar activamente naquela vida que lhe é apresentada. O écran já não é uma janela diante da qual se assiste ao desenrolar de acontecimentos estranhos e alheios; é antes uma porta, pela qual se penetra no mundo construído expressamente para o espectador.

Finalmente, e para que o problema seja posto em toda a sua extensão, temos que a produção cinematográfica está hoje quase completamente industrializada, o que provoca que muitas vezes se sacrifique o real valor dum filme, ao êxito económico duma

---

(1) Por vedeta pode também entender-se, num sentido mais largo, todo aquele conjunto de factores sugestivos e despersonalizantes, usados normalmente pela publicidade para atrair o gosto dos espectadores. Como é patente, neste caso emprega-se o termo no sentido mais estrito, em que é sinónimo de «estrela» ou de artista cuja popularidade é aproveitada para a exploração económica.

obra feita em função do gosto e do interesse do público mais numeroso e mais mal formado. O PROBLEMA, EM SÍNTESE — Temos, portanto, três coordenadas: o cinema tem uma influência excepcional sobre o espírito do espectador, este procura no filme a satisfação dos instintos medíocres; e por último, à produção cinematográfica interessa-lhe primàriamente o êxito comercial.

Destes três dados podemos partir para a causa explicativa do fraco nível técnico e moral da produção fílmica. Se ao produtor convém o lucro económico, interessa-lhe explorar o gosto do público. Este prefere dar largas ao sentimento erótico; poucos olham para o filme como obra de arte mas muitos vêm nela uma forma de satisfazer o «sex-appeal».

Este estado de coisas representa um círculo vicioso, em que há reciprocidade entre o público e a produção, resultando daqui o baixo nível da maior parte dos filmes que hoje correm. Se considerarmos além disto a fascinação dum filme sobre o espírito do espectador, poderemos concluir que o cinema, em grande número de casos, exerce uma acção perniciosa.

Aqui estamos diante dum problema de extrema importância, que urge resolver de maneira equilibrada e construtiva.

Alguns princípios de solução

Pergunta-se, portanto, onde se deve encontrar remédio para a situação actual.

Poderíamos começar por apontar, como Agel, alguns falsos remédios: «Para atenuar as desvastações exercidas sobre um público mais ou menos sem defesa, por uma indústria que pode empregar os mais potentes meios de ataque, existem, em princípio, dois organismos: um que exige a participação do público — a imprensa; outro que se exerce fora do conhecimento dos espectadores — a censura».

A IMPRENSA — *Quanto à imprensa, a experiência mostra-nos que não tem poder suficiente para interferir de maneira eficaz quer no público, quer na qualidade dos filmes. Aliás, podemos calcular as dificuldades que o crítico encontra, sendo indispensável que se liberte de todo o preconceito, que seja humilde e leal, e sobretudo que saiba dizer não só que tal filme é bom ou mau, mas principalmente explicar a razão do seu juízo.*

De resto, este problema da influência que a imprensa pode exercer apresenta varidíssimos matizes, se considerarmos o grau de cultura do público, assim como os influxos sociais a que ele está sujeito, como sejam, por exemplo, a rotina e o snobismo.

A CENSURA — *Uma outra solução que também não resolve o problema na sua totalidade é a censura. E diz-se que não resolve o problema na sua totalidade porque é uma medida de carácter negativo, repressivo, quando a solução se encontra numa acção fundamentalmente construtiva.*

É claro que a censura, apesar de ser em certo sentido uma limitação da liberdade (²) da pessoa humana, tem uma fundamentação absolutamente lógica, pois

---

(²) O termo liberdade não está aqui empregado no sentido rigorosamente exacto e cristão. Melhor seria dizer-se licença.

corresponde a uma necessidade de segurança e de equilíbrio social, sem os quais os próprios alicerces da civilização não poderiam resistir, nem assegurar o desenvolvimento desta pessoa humana.

Como sabemos, o trabalho da censura pode consistir em proibir pura e simplesmente a projecção do filme inteiro ou de partes dele, ou então, como é mais vulgar, em classificar os diversos filmes segundo uma gama de categorias artísticas e morais. Mas de qualquer maneira, no dizer de Georges Huisman, «toda esta regulamentação devia ser sòmente temporária, pois era preciso chegar, pela evolução das instituições administrativas, pela transformação do espírito do público, por uma justa compreensão do interesse excepcional do cinema, a colocar o filme no mesmo plano de liberdade que as outras artes».

Por outras palavras, a censura, embora absolutamente necessária, não representa a solução integral do problema posto atrás.

A verdadeira solução

Na verdade, o único meio verdadeiramente eficaz para se sair daquele círculo vicioso de que se falou acima, está antes de mais numa educação da massa dos espectadores.

Vale a pena darmos uma atenção especial a este aspecto, pois que é ele o autêntico eixo em volta do qual gira esta questão.

Primeiro vejamos como é que uma vasta educação do público pode resolver o problema da existência de filmes banais e até maus.

Por um lado, se o espectador fosse ao cinema com o espírito sàdiamente formado, de modo que lhe interessasse mais ver nele um autêntico valor artístico do que o cómico ou sensual que porventura houvesse, é claro que isto teria como resultado uma sensível melhoria do nível da produção. Porque, não tenhamos dúvidas: se o produtor faz maus filmes é porque o público gosta de maus filmes; consequentemente o que interessa é ensinar o público a gostar do bom cinema, é fazer-lhe ver quanto são banais essas fitas exploradoras dum gosto mal formado. E nisto não interessa só o aspecto negativo como também é fundamental um trabalho no sentido de se conseguir que os espectadores aproveitem os bons elementos que haja num filme, tentando uma positiva valorização de si mesmos.

O trabalho está, pois, em conseguir dar ao público aquele discernimento e sentido crítico necessários, adquiridos por meio duma sólida cultura cinematográfica, de modo que ele saiba resistir às perniciosas seduções da magia do cinema, para que não abdique da sua personalidade, deixando-se influenciar passivamente pela fascinação que nele desperta o mundo do écran.

Uma vez aqui chegados, atingimos já uma conclusão de grande importância — o facto da necessidade duma educação extensa e profunda dos espectadores cinematográficos.

Levanta-se, porém, um novo problema fundamental.

Um novo problema

Como se deve fazer e em que há-de consistir a formação do público em matéria de cinematografia? Como se deve conseguir uma acção educativa que influencie eficazmente toda a multidão dos frequentadores das salas de cinema?

Deixando para o próximo número o aspecto que foca a acção educativa considerada em si mesma, vejamos agora como é que ela se deve fazer.

CINE-CLUB — *Este problema foi solucionado principalmente com o aparecimento, em França (1920), dumas instituições chamadas cine-clubes, que se propõem como finalidade «a projecção de filmes em sessões privadas, acompanhada de comentário oral ou feito em programas impressos ou de outros processos de estudo e divulgação, nos aspectos históricos, artísticos, culturais e técnicos do cinema, tendo em vista um maior desenvolvimento da cultura e do interesse dos sócios pela arte cinematográfica. «Definação do II Encontro dos cine-clubes portugueses — 1956»).*

São pois instituições que visam uma cultura especìficamente cinematográfica, satisfazendo em grande parte a necesssidade duma elevação do nível cultural do público e da consequente melhoria da produção fílmica.

Mas, muito embora os cine-clubes sejam sempre necessários para a formação duma autêntica e numerosa élite de espectadores conscientes das riquezas de expressão da sétima arte, deve-se tender, em última análise, para um trabalho de formação cinematográfica da adolescência, ou seja, para uma integração do cinema na cultura secundária.

Uma visão mais profunda ainda, levar-nos-ia a concluir que o ideal seria acrescentar ao cine-club e à introdução do cinema no programa do curso secundário, um novo organismo que completasse esta obra de formação, realizando a integração do cinema numa cultura genérica, sintetizando todo este conjunto de valores. É um caso a pensar, pois muito pouco há feito neste campo. Assim, «o cinema tornar-se-ia um dos elementos fundamentais do humanismo. Pode-se mesmo dizer que renovará, em certa medida, o humanismo tradicional, dando-nos da condição humana um apanhado mais completo, mais exaltante e mais vivo».

Vistos estes aspectos a que chamámos sociológicos, continuaremos no número seguinte, analisando principalmente a gramática cinematográfica.

LUÍS MOITA

Das primeiras pinturas que tratam de N. Senhora e seu significado

Para quem não viveu nas catacumbas, é fácil avaliar do esplendor do culto com que se alumiaria o cristianismo nascente, a concluir pelo que de pouco nos chegou, por demais, reduzido nos livros.

Entre outras das suas manifestações — a pintura — é sensível o que a Nossa Senhora se consagra; não falo tanto do número, infelizmente pequeno, de produções existentes, como da ideia profunda acerca do papel de Nossa Senhora na economia cristã, por elas transmitida.

É evidente que desde o princípio, os cristãos tiveram consciência do corpo único e místico que formavam em Cristo e por força do que, a mesma Mãe de Jesus era necessàriamente sua Mãe também. A Igreja primitiva viveu o mistério da Maternidade divina de Nossa Senhora: pela razão simples, de ser a ideia de mãe a que mais prende qualquer infância, e segundo o que de mais radical pode exigir-se em qualquer apontamento de Mariologia: «On dit couramment... que beaucoup d'âmes vont à Jésus par Marie. Mais c'est peut-être une vérité plus haute encore, de penser que beaucoup viennent à Marie par Jésus» (1).

De facto, Nossa Senhora nas catacumbas, nunca aparece representada sòzinha, mas sempre em relação com o Filho e a obra da Redenção.

A arte das catacumbas é essencialmente sepulcral. Nem será preciso, creio, falar do sentido religioso que sempre inspirou o homem acerca dos mortos. «Sit tibi terra levis» é o grito dos sepulcros pré-cristãos, numa ânsia de vitória e libertação da morte — que é a terra mesma de que se cobrem os corpos.

Foi essa ideia de vitória sobre a morte, o fulcro vital do pensamento cristão primitivo — a inteligência simples do mistério da Ressurreição, no seguimento do que escreveu S. Paulo e se fez eco Tertuliano: «Si autem Christus non resurrexit... inanis est et fides nostra» (I Cor. 15, 14). «Fiducia christianorum resurrectio mortuorum» (De resurrectione carnis) (1). A tal vitória se não esqueceram de associar a Virgem Maria: como se a Ela fosse devido o triunfo desta vida e porque na outra se quiseram acolher debaixo do seu manto protector. Esta entrega a Nossa Senhora completa o que de essencial exige a mediação e satisfaz aos anseios maternais de Maria para connosco. «On dirait même, que la maternité divine n'est pleinement revelée à Marie, que sous les aspects de sa maternité envers nous» (2).

---

(1) P. Bernard — «Le mystère de Marie», pg. 14.
(2) Cit. in Marucchi, «Archeologia cristiana», pg. 277.

A arte das catacumbas é naturalmente simbólica. Naturalmente, digo. Sustentar que o símbolo era simples máscara do Cristianismo é, talvez, uma fantasia piedosa que deixa encoberto muito de verdade. O símbolo e deformação são o miolo da arte, na medida em que são capazes de sugerir-nos qualquer coisa. Di-lo, claramente, L. Venturi: «o que importa num quadro, a contribuição humana duma pintura são as suas sugestões à nossa maneira de sentir e à imaginação» (4).

Doutra sorte, é sabido, como a arte cristã se adaptou ao jeito do estilo romano, entrado nessa altura em «forte adattamento impressionístico»; e de como soube adoptá-lo, para «esprimere la nuova concezione cristiana... verso il mondo trascendentale e il sforzo verso una vita sovrumana» (5).

Infelizmente, a maioria das representações datam da decadência do estilo romano ou pompeiano, depois que reinou Septímio Severo (+ 207).

Não há, pois, que procurar os traços fisionómicos de Nossa Senhora em qualquer dos frescos pintados. Urge, tão sòmente, saber interpretar o que de Mensagem nos transmitem. Posto o que, passaremos à vista as representações conhecidas, bem características.

Consideraremos primeiro, as pinturas em que Nossa Senhora nos aparece com o Menino.

A) CENAS BÍBLICAS

1. EPIFANIA. A cena principal sob que a imaginação cristã concebeu a figura de N. Senhora, foi a da Adoração dos Magos. Efectivamente, são numerosas as evocações do facto e nota-se em grande número delas a presença de N. Senhora, ocupando sempre o centro de interesse do conjunto.

A Virgem da Capella graeca do Cemitério de Priscila passa por ser a mais célebre das pinturas cristãs a este propósito. Do séc. II, ela prima pela finura singela da concepção, com a vantagem sobre todas as outras dos sécs seguintes. A arte romana era então no apogeu e daí o interesse por essa primeira composição «un candore, uma gioia innocente e tranquilla»... «reflectindo o frescor da arte pompeiana».

Nossa Senhora e o Menino surpreendidos pelo gesto dum mensageiro, comumente suposto Isaías, crendo tratar-se da profecia do Emmanuel (Is. 7, 14). Segundo outros, Balaão — ou porque haja sido o Profeta da Estrela (Núm. 24, 17) (6) ou porque seria o parente notável dos magos adoradores (7).

D. Schuster defende, tratar-se de um mago, na dependência simples do texto de S. Mateus: «stella quam viderant in Oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra ubi erat Puer» (Mt. 2,9). O facto de ser só um, explica-a fàcilmente: «non seulemente l'étroitesse de l'espace disponible, mais aussi d'une raison esthétique de symétrie à quoi les anciens tenaient fort» (8).

---

(3) P. Bernard, id. pg. 18.
(4) «Para compreender a pintura», pag. 12.
(5) Hertling-Kirschbaum, «Le catacombe romane e i loro martiri», pg. 215.
(6) Hertling-Kirschbaum, op. cit. pg. 252.
(7) Origenes, cit. in Her.-Kirschbaum, pg. 251.
(9) Noele Denis et R. Boulet «Romée, ou le pélerin moderne à Rome», pg. 260.

Noele Denis chama-lhe simplesmente «Madone de l'Étoile» e julga melhor conciliar as três hipóteses, à guisa de solução — «tant il parait certain qu'on aimait alors à accumuler les symboles convergents» (9).

A estrela, símbolo da divindade e por cima de Jesus, apresenta-nos claramente, Maria, Mãe de Deus e Medianeira, qualquer que seja o personagem escolhido. Como tal, ocupa o lugar de honra, sendo a ela que, nìtidamente se dirige o mensageiro. O Menino, agachado ao peito da Senhora, volta discretamente a cabeça.

Do mesmo género são as pinturas das catacumbas de Domitila, de S. Pedro e S. Marcelino, do cemitério Maior de Santa Inês, de S. Calixto.

No primeiro e do séc. III são quatro os magos adoradores. Nossa Senhora, sentada, com o Menino nos joelhos, recebe o preito de homenagem dos Santos Reis. Está ao centro e tem a cabeça velada, na posição majestosa de Mãe de Jesus (D. Schuster); Marucchi julga, doutra forma, que a cabeça velada significa a consagração virginal de Nossa Senhora, ao modo das matronas romanas (10).

A estética exigiu, desta vez, que fossem quatro magos; e assim, devidamente identificados pelo boné frígio, à oriental. Não que se desconhecesse o número de três, consignado até aos nossos dias pela tradição. Efectivamente, no mesmo cemitério da Via Ardeatina se encontram representações dos Magos, com três figurantes apenas. Por exemplo, numa do séc. IV, em que Nossa Senhora parece ter-se sentado de propósito para ocupar o espaço reduzido que o artista lhe deixou (11).

No cemitério dos Santos Pedro e Marcelino — o primeiro em pinturas — Nossa Senhora com o Menino está entre dois magos e tem a cabeça descoberta... talvez porque ao pintor pareceu melhor mostrar Nossa Senhora no encanto duma donzela e aludir dest'arte à integridade virginal de Maria. É também do séc. III.

No cemitério Maior de Santa Inês, algo de novo e curioso se transmite: na mesma pintura, os magos ao lado do defunto; quer dizer, pede-se para o morto a Revelação de Cristo, como outrora para os magos do presépio, por meio de Nossa Senhora. É do final do séc. III, ou, mais provàvelmente, do início do séc. IV.

Outras cenas da Epifania conhecidas não interessam particularmente. Talvez as de S. Calixto, pela antiguidade.

Desta forma apresentado, o Mistério da Epifania traduz-nos claramente o pensamento primitivo acerca do Mistério de Nossa Senhora Medianeira e ensina que ela deriva exclusivamente dum mistério superior—a Maternidade divina de Nossa Senhora.

2. Doutras cenas bíblicas conhecemos sòmente: uma representação do Presépio, outra das Bodas de Caná e mais algumas, da Anunciação. A primeira, nas catacumbas de S. Sebastião, do séc. IV; a segunda em S. Pedro e S. Marcelino, do séc. III-IV; da Anunciação, as poucas que chegaram nos cemitérios de Priscila e S. Calixto, estão em péssimo estado e podem marcar-se dos sécs. II-III.

Será que destes mistérios não ressalta suficientemente a ideia da intercessão

---

(9) Noele Denis et R. Boulet «Romée, ou le pélerin moderne à Rome», pg. 260.
(10) Op. cit., pg. 331.
(11) Id., pg. 332. Cf. Kirsch, «Le catacombe romane», pg. 115.

de Maria? Há que atender a simples questão de facto: não pode desligar-se o Mistério de Maria do Mistério de Jesus e é certo como nos Magos «a Igreja exaltou o seu título de glória».

B. CENAS NÃO BÍBLICAS

1. Das catacumbas de Priscila se conserva uma «velatio virginis» onde Nossa Senhora, à esquerda da orante, figura central do quadro, é apontada Virgem veneranda. À direita da mesma, e no acto da consagração, um ancião (presbuteros) indica a Mãe de Deus, como exemplo da que vai consagrar-se ([12]).

São outros de opinião que se tratará simplesmente de evocar cenas familiares da defunta — como esposa e como mãe; a qual em atitude de orante, se confia a Deus por todo o sempre ([13]). É do séc. III.

Chama-lhe D. Schuster «Virgo speculum justitiae», notando-se como, desde o princípio, em S. Ambrósio ([14]) e outros Padres, a evocação de Maria, espelho de virgindade sem mancha, constituía lugar comum nos discursos dos bispos, por ocasião de tais festividades.

O interesse da pintura está em que Nossa Senhora aparecec omo objecto de um culto especial, e não, fazendo parte de encenação bíblica. Nesta e noutras circunstâncias, a presença do exemplo é uma forma delicada de pedir intercessão.

2. Catacumbas de Comodilla. Nossa Senhora e o Menino, ladeada pelos Santos Félix e Adauto, cobre com a mão a defunta sepultada ali, Turtura. É do séc. VI ou VII ([15]), sem dúvida posterior ao Papa João I (523-526) que foi quem adornou o cemitério.

Poucas pinturas se conservaram como esta, a qual por demais, se pode acreditar síntese de todas as pinturas marianas e apresentada já num bem definido estilo bizantino.

Nossa Senhora sentada num trono de pedras preciosas, com a mappula e o Menino sobre os joelhos, recebe da matrona sepultada o volume da lei, num acto de entrega e confiança por tê-la cumprido. A um tempo se traduz o poder e a dignidade da Mãe de Deus, no acto do julgamento. Ela é o Trono da Sabedoria.

3. Duas pinturas mais, características de singeleza, são as de um nicho em S. Panfilo e de outro nicho em S. Valentim, dos sécs. VI e VII, respectivamente.

Quanto à primeira, bàrbaramente destruída e de que resta apontamento felizmente colhido antes, nota-se a dignidade do porte. Nossa Senhora, em busto, tem uma estrela na testa e foi por muito tempo alumiada; acusam-no as nódoas do azeite que ficaram. Nossa Senhora da Luz ([16]).

([12]) Springer, «Manuale di Storia dell'arte», vol. II, pg. 10.
([13]) N. Denis — R. Boulet, op. cit., pg. 260.
([14]) «De virginibus», cit. in «Lib. Sacr.», vol. VIII, pg. 11.
([15]) Sppringer e Kirsch, respectivamente.
([16]) Kirsch, op. cit. pg. 68.

Na segunda, o Menino Jesus ao peito de Nossa Senhora é nimbado com a cruz. Maria, Mãe do Redentor. Considera-se a imagem última das catacumbas.

4. A orante do cemitério Maior de Santa Inês.

A orante é «una figura in piedi con la faccia volta al cielo e le braccia alzate in atto di supplicazione» ([17]). Representa de ordinário, a alma do defunto »no gesto mais natural e mais eloquente de oração», inspirado, porventura na posição de Cristo crucificado ([18]).

Relativamente a Nossa Senhora, desde cedo e em boa hora Ela se tornou protótipo das orantes. Mais uma vez se consigna a ideia que da intercessão de Maria formavam os cristãos.

A mais célebre de todas, é a que se conhece no arcosolium do cem. Maior de S. Inês, séc. IV.

D. Schuster, ainda ele, dá-lhe o nome de «Advocata nostra»; crendo, sem favor, que a não ser pela antiguidade, a «Virgem, de Priscila» lhe ficaria devendo a primazia. Coberta com o véu de Mãe, os braços e os olhos nos deixam suspensos; parece que Nossa Senhora nos segura por instantes. Do pescoço pende um colar de pedras preciosas; de um e outro lado o XP — a significar delicadamente que aquele que sustenta ao peito, é Jesus, e porque não quebremos, com perguntas, o encanto do seu porte.

Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe: «les deux manières de figurer la Vierge dans la dignité de sa maternité divine et dans l'attitude de son rôle d'imprécation se trouvent réunies dans cette fresque qui, pour cette raison synthétique, est une des plus interessantes des catacombes» ([19]).

Quanto a outras orantes e das pinturas onde Nossa Senhora figura isoladamente, pouco haverá a dizer. Se é certo que desde cedo Ela foi alvo de culto particular é tão certo que nenhuma das imagens recebidas goza de relevo excepcional.

O P. Scaglia faz nascer em Espanha a obra mais antiga a este propósito. Trata-se duma pintura do séc. IV, na Igreja de S. Engrácia, em Saragoça e que refere a morte de N. Senhora ([20]).

Sabe-se, com efeito, da existência de um cemitério primitivo na dita cidade espanhola ([21]). Quanto a reproduções, não pude haver alguma.

Das orantes, conhecem-se vidros pintados do séc. III, no museu do Vaticano, em que a figura é aureolada pelos nomes Mara ou Maria ([22]). Das que ornamentam as catacumbas é difícil pronunciar-se.

Que em algumas delas houvesse intenção de simbolizar a Igreja... é fácil conceber-se: atenda-se ao gosto de acumular símbolos e à reflexão perspicaz de S. Ambrósio — «quam pulchra illa quae in figura Ecclesiae de Maria propheta sunt» ([23]).

([17]) Enea Cianetti «Le catacombe romane e l'archeologia cristiana» — pg. 108.
([18]) Dictionnaire d'archéologie — Art. «Orant».
([19]) Dict. Arch. — Art. «Marie, Mère de Dieu», col. 2001.
([20]) Enciclopedia Hispano-Americana, art. «Virgen».
([21]) Marucchi, op. cit. pg. 195.
([22]) Dict. Arch., art. «Arbres».
([23]) Cit. in Marucchi, id. pg. 328.

São de interesse especial, as orantes das catacumbas de S. Calixto. O facto de virem alternadas com o Bom Pastor parece garantir aos entendidos, critério favorável, quanto ao que agora nos interessa. De resto, nada se impõe. Referência aos sepultados... figuração alegórica das virtudes... mais provàvelmente, creio.

* *

A sensibilidade cristã não comprendia Nossa Senhora separada de seu Filho. Pode avaliar-se deste facto, quanto de espúrio e de apócrifo não haverá em muito chegar do significado das primeiras pinturas de Nossa Senhora; e juntar, finalmente, o contributo humilde do meu voto em prol da definição do Dogma da Mediação Universal de Maria. Eis, assim, ao que eu quisera do culto mariano que se abraça por aí, nos nossos dias.

*
* *

PS. — A Virgem de S. Lucas.

Seria lenda? A julgar pelo que de tradição nos chegou é difícil sustentar que nos haja sido legado por S. Lucas, o retrato de Nossa Senhora.

O queixume de S. Agostinho, porque da Virgem não soube algum, é objecção capaz para quem alimente outro parecer... se não fora por si mesmo evidente a impossibilidade de situar no primeiro século, uma obra de estilo posterior.

Foi Nicéforo Calixto, no séc. XIV, quem recolheu o testemunho de Teodoro, Leitor (séc. VI VII), segundo o qual, a imperatriz Eudócia teria enviado a Pulquéria, sua cunhada, o retrato da Mãe de Deus, pintado por S. Lucas. Que Teodoro tenha vivido na segunda metade do séc. VI, (concede-o Krumbacher) é ainda muito posterior a Eudócia (a qual terá feito a sua viagem a Jerusalém por 430)... e o que é mais de lamentar é que se fala dum retrato que não se conservou, nem ao menos cópia em Jerusalém ou Constantinopla.

Será esta, como outras uma lenda medieva, daquelas que só a devoção soube criar, tendo, por demais, servido de inspiração a Roger van der Weiden (24).

FRANCISCO NUNO

---

(24) Enciclopedia Hispano-Americana, art. «Lucas» Dict. Acch. — art. «Luc» e «Etienne». Dict. Arch., arts. «Luc» e «Étienne».

panorama

Portugal visto por olhos franceses

Nação tradicionalmente cristã, sendo um dos países que mais activamente participaram na expansão da actividade missionária consecutiva às grandes explorações do século XV, herdeiro de uma história cheia de prestígio e titular do privilégio excepcional que é o Padroado do Oriente, Portugal ocupa na actualidade histórica do século XX um lugar único.

É com estas linhas que o n.º 42 de «Informations Catholiques Internationales» de 15 de Fevereiro de 1957 abre a sua costumada secção «La Dossier de la Quinzaine» dedicada a Portugal, com o título: «Portugal 1957». Em doze páginas de crónica, são-nos traçadas as grandes linhas da História do nosso País e da situação actual da Igreja, pondo em relevo as suas relações com o Estado e as características sociológicas da nação sob o ponto de vista religioso. Dentro do texto, algumas fotografias das que normalmente servem para nos apresentar: os Jerónimos... Fátima... Salazar... o Senhor Cardeal Patriarca... a praia da Nazaré... e uma ainda mostrando o nível de vida medíocre da população portuguesa... Como se vê, não falta nenhuma das nossas maravilhas, não é verdade?!... Já que interessou a «Informations Catholiques» dedicar estas páginas a Portugal para os seus leitores melhor conhecerem a vida católica do nosso País, aproveitamos a oportunidade para verificarmos como nos viram olhos que julgamos ser franceses.

O artigo obedece a três ideias fundamentais:

a) as relações entre a Igreja e o Estado encaradas na hora actual mediante uma perspectiva histórica;

b) a Igreja e o seu ressurgimento;

c) a Igreja no contexto sociológico do País.

O programa é deste modo muito ambicioso e só por alto podia ser desenvolvido em tão reduzido espaço. Aliás mais não se pretendeu, do que dar ideias mestras.

Afirmou Salazar no seu discurso à Assembleia Nacional, por ocasião da ratificação da Concordata em 26 de Maio de 1940: «a primeira realidade que o Estado encontra à sua frente é a formação católica do povo português e a segunda é que a essência desta formação se traduz numa constante história».

Depois de brevemente sintetizar a história do nascimento de Portugal, escreve o articulista:

então nasceu esta intimidade entre o Reino e a Igreja, que certamente não é peculiar a Portugal mas que apresenta um carácter especial pelo facto de, por assim dizer, a própria existência do País estar intimamente ligada à sua solidariedade com a Igreja.

E é agradável verificar como de um modo geral, na continuação deste pensamento está bem levantado o problema das missões portuguesas dando-se o devido relevo ao esforço missionário português.

É uma realidade que a colonização portuguesa foi uma das mais autênticamente civilizadoras, recolhendo ainda hoje Portugal os frutos dessa acção uma vez que é a única potência «colonial» que depois da tormenta de 1939-1945 conservou intacto o seu Império; e até o recente conflito com a Índia a propósito de Goa no decurso do qual a maioria dos goeses afirmou a sua incontestável fidelidade à Metrópole, se reveste na época presente de um carácter singularmente excepcional.

Um dos factos mais significativos da história da colonização portuguesa, é de ter sido no reinado de D. Manuel I que foi sagrado o primeiro bispo negro, logo desde muito cedo se preocupando a Hierarquia portuguesa em formar padres indianos para a fundação de um Seminário indígena em

Goa. A este respeito, Portugal é incontestàvelmente um precursor na História da Igreja.

Ainda a propósito das missões, apresenta um mapa das terras de missão de Portugal, que está um pouco desactualizado.

Ao passar para a história dos últimos séculos, foca o articulista de um modo especial o anticlericalismo:

A reacção anti-romana tomou a forma de uma acção dirigida principalmente contra as ordens religiosas, particularmente os Jesuitas; Portugal, foi a primeira potência a expulsá-los em 3 de Setembro de 1759, e desempenhou um papel determinante nas intrigas que deviam conduzir à supressão da Ordem por Clemente XIV.

Uma vez que se pretendia vir a estudar tão intensivamente as relações da Igreja com a sociedade portuguesa, é pena que a parte histórica do artigo se resuma a três colunas, a maior parte dos quais está ocupada com a actividade missionária e com a história da fundação. Não é que as linhas consagradas a estes assuntos fossem descabidas, mas francamente é pena que só a partir do liberalismo se faça referência à maneira como a Igreja se inseria na sociedade portuguesa da Metrópole. A história moderna aparece-nos deste modo sem fundamentos, revestindo-se de um carácter parodoxal em que aliás se continuará a insistir muito. Um pouco de estudo da vida cristã do país antes do Marquês de Pombal talvez atenuasse o paradoxo, mas em contrapartida fornecer-nos-ia uma linha condutora.

Depois de século e meio de decadência política no decurso da qual a nação chegou mesmo a perder a sua independência (quando teria sido? Possìvelmente refere-se à decepção sofrida por Junot por não ter encontrado D. João VI na Metrópole), **a história portuguesa atingiu uma segunda crise quase mortal para a Igreja. Com a revolução de Outubro de 1910 começa a luta anti-cristã que muitas vezes chegou a ser verdadeira perseguição.**

Passa o articulista à parte menos feliz da sua crónica ao estudar os acontecimentos de Fátima ao mesmo tempo que fala do Estado Novo, **regime cujo carácter ditadorial não pode ser negado, mas que evitou o escolho do totalitarismo agressivo,** e do ressurgimento católico do País.

Ficamos sabendo que somos **um país onde o sentimento religioso é fàcilmente levado a interpretar como milagre os acontecimentos que admiram — como notaram já os viajantes estrangeiros do século XVIII. Os portugueses não podem com efeito considerar sem admiração a coincidência entre o princípio da nova situação religiosa de Portugal moderno e os acontecimentos sobrenaturais que sem dúvida ainda não deixaram de suscitar comentários e discussões, e que a própria Igreja não oficializou senão com extremas precauções e depois de um longo lapso de tempo: as aparições de Fátima.**

Apesar disso, resumo o que diz o articulista, Fátima é para Portugal o que o Movimento de Oxford foi para Inglaterra. A Igreja Portuguesa muito sofrera por ser uma Igreja de Estado e a descristianização por falta de boa organização da sociedade cristã atingiu profundamente as próprias almas. Fátima aparece deste modo mais como uma ocasião psicológica de renovação do que como um acontecimento sobrenatural. Contudo, transcreve-se o que o P. Riquet declarou às «Novidades» depois da sua passagem por Fátima em 13 de Maio de 1956: **«J'ai recueilli une impression de sérieux dans la prière, la foi, et l'espérance d'un peuple courageux et dur pour soi-même, un peuple qui dort par terre et se nourrit mal pour honorer Notre Dame».** E logo a seguir: **Por certo que os acontecimentos de Fátima se revestiram de um carácter barroco e fantástico que, por exemplo, é singularmente diferente do que se passou em Lourdes... Desde esse dia, Portugal aprendeu o caminho de Fátima e retomou a senda dos seus maiores. Mas daí a querer fazer do nascimento do Estado Novo, ocorrido dez anos mais tarde, um acontecimento providencial, vai um passo que não deve ser dado.**

Na verdade, há muito cuidado em repetidamente se afirmar que o Estado Novo não caiu do céu, e através de bastantes citações conseguiu-se apresentar um quadro mais confuso que documentado das relações entre o Estado e a Igreja.

Porém, seria vão pretender negar que o regime encontra uma certa oposição mesmo dos meios católicos. Por exemplo a acção social no meio operário se funciona com toda a liberdade sob a forma da JOC encontra dificuldades desde que sai do quadro da acção católica pròpriamente dita; deste modo o governo suspendeu no

seu 25.º número o jornal «O Trabalhador» que se apresentava como o «hebdomadário do povo». Não parece que este jornal tenha sido de qualquer modo um órgão de oposição, uma vez que os seus artigos eram expressão da doutrina social do Dr. Salazar... Não parece que certas declarações de bispos a propósito quer da evolução dos povos no ultramar, quer de certos problemas sociais em particular a situação das populações rurais beneficiem, na imprensa censurada, de toda a difusão que mereciam.

Em seguida escreve sobre a Concordata e levanta depois, de maneira bastante certa o problema do ensino católico em Portugal, mòrmente no que diz respeito à falta de uma Universidade Católica.

Ao falar do estado actual do catolicismo português várias vezes se põe em relevo a acção exercida pelo Seminário dos Olivais e por Mons. Pereira dos Reis na renovação religiosa no país.

De um modo geral, é certo que o problema das vocações, não poderá ser resolvido senão à luz dum conhecimento mais profundo da situação sociológica do país ao mesmo tempo que das novas formas de apostolado. É um facto a respeito do qual importa romper com a «rotina» que é responsável por muitos atrazos e fracassos... um psicólogo português analiza o problema da vocação à luz da psicologia moderna...

Com efeito, apesar de trinta anos de condições mais favoráveis a situação ainda preocupa... na medida em que o muito vagaroso crescimento do número dos padres está longe de seguir o aumento da população, particularmente nos centros urbanos. Deve por outro lado observar-se que o problema das vocações se levanta para Portugal de maneira particularmente difícil, em virtude da sua relação com uma grave renovação demográfica que tende a remodelar a estrutura sociológica do país. Há com efeito um movimento de emigração interior para os grandes centros urbanos, que tende a tomar proporções consideráveis; é preciso deste modo não sòmente maior número de padres mas também, métodos novos de apostolado e a modificação das técnicas de formação pastoral. Por outro lado, em muitos casos a divisão geográfica das paróquias tradicionais já não corresponde à realidade social nem às necessidades apostólicas uma vez que nem sempre há coincidência entre as circunscrições eclesiásticas e as administrativas. Se se tomar em conta que Portugal possui, em média cerca de 1 padre para 1588 católicos, que muitas paróquias são demasiadamente extensas, e que há bastantes pràticamente sem pároco ver-se-á como fica muito ainda que fazer e como a reconquista efectiva da massa do povo, não pode por falta de padres, ser empreendida em grande escala.

Refere ainda o articulista o trabalho do Rev. P. Manuel Falcão sobre a situação religiosa do Patriarcado, pondo em relevo as suas conclusões e dando um resumo dos valores encontrados, num «caixilho» dentro do texto escrevendo:

Estes remédios exigem tanto mais um esforço particular de estudo aprofundado quanto em Portugal, como noutras nações, existe uma estreita correlação entre a vida religiosa e a vida social. Mas em Portugal este problema reveste um aspecto que parece particularmente grave. É certo que estamos mal informados sobre a verdadeira situação social do País... Além disso, o paralelo entre as estatísticas religiosas e as da população, faz ressaltar uma descristianização bem profunda das massas populares estabelecendo a este respeito as conclusões do inquérito da JOC uma relação incontestável entre a descristianização e o meio de trabalho.

Por outro lado, as massas rurais cujo nível de vida permanece, em média, muito baixo, estão fortemente expostos aos efeitos da propaganda anticlerical... Sobre este assunto o Bispo de Beja escreveu a propósito da pobreza dos agricultores uma importante exortação pastoral...

Faz-se ainda menção da carta pastoral dos bispos de Angola — Dezembro de 1956. do I Congresso Nacional da JOC — 1955, da índole do «Trabalhador» e da alocução de Sua Eminência de 29 de Novembro de 1956. Procurando estabelecer contraste paradoxal, é bem analizada a figura do P. Américo cujo «Testamento» é reproduzido em lugar de relevo.

Este quadro da situação contemporânea do catolicismo em Portugal justapõe, como se verificou, luzes e sombras. O mais importante é sem dúvida que este país que não dá muito que falar no plano da grande política internacional e cujo nome não toma grande lugar nas colunas dos quotidianos, não deixa de estar em plena evolução, nem

de ser um país que pela sua tradição católica e actividade missionária se torna particularmente precioso para a Igreja universal. Não pode negar-se que a coincidência de uma situação religiosa ao mesmo tempo fácil quanto aos direitos e liberdade da Igreja e inquietante se considerarmos a vitalidade cristã da massa, com uma situação social fluída e difícil, coloca a Igreja Portuguesa frente a uma responsabilidade considerável. Só o futuro dirá o que pode vir a suceder. Desde já, é contudo possível determinar um certo número de conclusões.

— A apostasia das massas populares atingiu em Portugal uma proporção quase catastrófica...

— O mundo rural está por seu turno profundamente descristianizado.

— Face a estes problemas, a Acção Católica atravessa uma crise latente, aliás testemunhando uma consciência cada vez maior da amplidão dos problemas, crise esta que é para desejar seja de crescimento...

— Em ligação com o problema do clero e da Acção Católica, levanta-se o da cultura religiosa...

— O processo de industrialização e de urbanização do país acelera-se passo de gigante enquanto a falta de clero corre o risco de fazer aumentar a distância entre a Igreja e o povo.

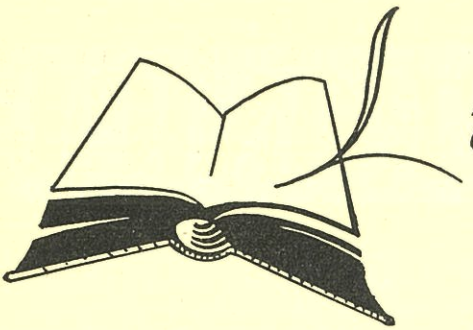
— A tarefa árdua que se impõe ao catolicismo português é a de pôr em acção todos os meios necessários para realizar uma unidade dinâmica da tradição sociológica da verdade teológica e da vitalidade espiritual.

Pelo breve resumo que fizemos e pelas transcrições, pode ficar-se com uma ideia da importância desta panorâmica sobre o catolicismo no nosso País. Está certamente muito longe de ser completa, pecando até por uma certa tentação de aceitar algumas ideias feitas que são levadas ao exagero, como a do nosso falso sentido do milagre, caindo ainda um pouco em desagradável partidarismo político que está longe da neutralidade que embandeira.

Seria contudo injusta uma apreciação pessimista sobre o que ficou escrito.. Há que fazer ressaltar antes de mais a preocupação de tomar em conta a nossa história para bem poder julgar das realidades presentes. É ainda agradável vermos como se procurou fazer justiça com as nossas missões. Finalmente merece elogio a maneira como nos é descrita a situação actual da Igreja face aos problemas sociológicos da Nação.

Numa palavra, procurou o articularista evitar bom número de preconceitos apresentando um relatório bem planeado e que, certamente por falta de informações mais precisas, pena é nem sempre atingir de facto a clareza e a exactidão que bem se notam estarem dentro do espírito do seu autor.

FERNANDO MICAEL



Livros novos

VERDADES ESQUECIDAS (1)

P. João Gonçalves

«Verdades Esquecidas», é um livro de cerca de 120 páginas, que tem por finalidade «preparar os adultos para receberem o Sacramento do Matrimónio e do Baptismo», como se diz no Prefácio.

Há muito tempo que, neste capítulo se estava a sentir a falta dum livro, que de qualquer modo viesse auxiliar os párocos, a melhor cumprir a sua missão de «ensinar». Aparece agora este livrinho, que em 11 capítulos, resume os pontos fundamentais da doutrina cristã. Teve o autor a feliz ideia de apresentar bastantes casos ao longo da exposição, o que torna a leitura agradável e atraente.

Tem grandes vantagens o pequeno resumo com que termina cada capítulo, principalmente para reter o essencial da doutrina.

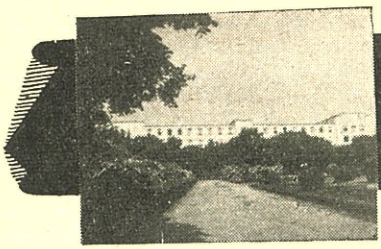
Apresenta o autor as fórmulas do «Catecismo», fundamentais e indispensáveis, ao longo do texto, no seu respectivo lugar, tornando-as assim mais fàcilmente compreensíveis.

É muito prático o resumo do cerimonial do Baptismo que vem no final do capítulo VII.

Apraz-nos ainda notar o facto de este livrinho ser publicado nos primeiros anos de vida sacerdotal do autor, o que bem mostra o seu coração incontestàvelmente apostólico.

J. AUGUSTO PEREIRA

(1) Edição da União Gráfica — Lisboa, 1956.



CRÓNICA

Desde o dia 16 de Março são diáconos: Alberto Neto, António de Aguiar, António Fragoso, Arménio Alves, Filipe Rocha, Francisco Nuno, João Canilho, Joaquim Cupertino, José Pereira, José Alcobia; subdiáconos: Alberto Augusto, Analide Guerreiro, António Ornelas, David Cirne, Fernando José e Zófimo Luz. Nos últimos graus de Ordens Menores ingressaram: Helder Franco, José Maria Ferreira Costa; no primeiros: Albino Cleto, António Ribeiro, António Crisóstomo, Ernesto Arantes, Fernando Guerra, Fernando Micael, João Afonso, Joaquim Venâncio, José Luís de Matos, Manuel Mota e Rodrigo de Paiva. À Prima Tonsura foram admitidos: Armando Vieira, Hugo Abreu e José Filipe.

Juntamente, Sua Eminência conferiu ordens sacras e menores a alunos do Seminário da Luz e do Seminário do Espírito Santo. Deste último nos veio o prazer de assistirmos à ordenação de presbítero do Rev.º P. Casimiro Pinto de Oliveira.

Após o almoço, falou-nos S. E. o Sr. Cardeal Patriarca sobre a atitude de um ordinando perante o acto que vai realizar.

*

* *

Nas duas semanas que antecederam imediatamente o dia de S. Tomás, promoveu a Academia de Santo António sessões várias sob a designação comum: Aspectos da Cultura Contemporânea.

Para Domingo, 24 de Fevereiro, foi organizada a primeira pelo grupo de arte sacra de colaboração com o grupo de cinema: «A propósito da obra de Rovault» na qual foi apreciado o filme: «Miserere». João de Almeida situou o pintor no conjunto dos artistas contemporâneos, que fez representado por Picasso, Matisse e Leger, mas destacando a sua obra pelo drama e religiosidade que a constituem num lugar desde há muito vazio. Fernando Micael transferiu para o campo cinematográfico o que ficara dito. O filme era um «poema» sem intenções didácticas ou polémicas, de um realismo extraordinário e onde os processos técnicos impõem, pela simplicidade, a grandeza da produção. Com o ambiente criado no espírito de todos, até a Missa da Sexagéssima foi mais sentidamente cantada.

À noite, escutámos o Sr. Dr. Adérito Sedas Nunes com o tema: «Conceito Fundamental do Ensino Social da Igreja». Baseando-se no Optimismo da Igreja, cuja doutrina redemptora é a «afirmação quase alucinante do valor da Pessoa Humana» e a teoria por excelência do amor fraterno, lembrou, ao mesmo tempo, a desconfiança que sempre ela tem evidenciado diante de facilidades utópicas. Roma não crê na «ideologia da reforma de estruturas» sem uma correspondente vivência

cristã dos indivíduos, nem crê que esta seja possível sem organização social favorável. Por isso, deve o padre não apenas cuidar de consciências, mas saber impelir e suster a reforma cristã da colectividade.

No dia seguinte, o Sr. Prof. Dr. Vitorino Nemésio desenvolveu um assunto, em parte de carácter pessoal: A poesia como experiência». Não se limitou a dar uma lição, mas conseguiu, verdadeiramente, fazer experienciar a cada um a mensagem da poesia — a vivência da realidade mais alta, situada para além das coisas que nos «resistem». Respondendo, no fim a uma observação, preconizou para a cultura poética do sacerdote uma assídua familiaridade com a Bíblia e a Liturgia.

O Sr. Prof. Dr. Heinz Mueller apresentou a 3 de Março, Domingo, uma conferência em que disse ser o órgão o instrumento próprio do canto gregoriano e da religiosidade do recinto sagrado. Ouvimos algumas composições, e compreendemos melhor a pobre situação, entre nós, da música sacra, conquanto os órgãos peninsulares tenham um valor grande e muito próprio e numerosas obras de tempos passados estejam arquivadas.

Ainda assistimos, no dia 26 de Fevereiro à fita «Polícia e Ladrão», discutida num «encontro» sob a direcção do Sr. Nuno de Bragança, do Centro Cultural de Cinema (Lisboa), três dias depois. Na véspera, tivéramos ocasião de saborear integralmente o «Requiem» de Mozart. Os filósofos representaram o «Rei Édipo» (Sófocles) a 5 de Março.

Na festa de S. Tomás, S. E. o Sr. Cardeal Patriarca presidiu à costumada sessão preenchida pelo notável estudo do Sr. Dr. Manuel Antunes S. J.: «Humanismo tomista e humanismo marxista». Marx, como S. Tomás, construiu uma filosofia de síntese e ambos concretizaram o espírito do tempo e a própria vida — ou a Idade Média, «aceitando», e a santidade, ou o século XX, «reivindicando», e a revolução. Dois realismos, prolongado um na transcendência do Mistério, projectado outro na imanência do mito. Que os cristãos saibam, hoje como outrora e com base no tomismo, incarnar o Mistério segundo as novas exigências do homem que criou o mito: «projecção no ideal duma aspiração messiânica»... mas «utópica» — o paraíso comunista. A todos estes trabalhos foi dada a presença amiga de vários dos Superiores.

Alguns mapas sociológicos, elaborados pelo Sr. P. Manuel Falcão e outro a respeito da Acção Católica no Patriarcado, do grupo interessado em tais assuntos, estiveram expostos, durante estes dias.

*

* *

Na manhã académica de 10 de Fevereiro, a calma voz do Dr. Orlando Leitão fez-se ouvir em lição erudita. Expôs a nomenclatura dos «Sistemas Políticos e Doutrinas Económicas», precedida por umas considerações acerca do homem enquanto social e terminada pela «auto-revisão de algumas doutrinas» com o respectivo juízo da Igreja.

Na secção dos filósofos, a Academia tem agradado pela candência dos assuntos. Lêem-se crónicas de Sociologia Católica e, no passado 24 de Março como na semana anterior, os trabalhos versaram exclusivamente ou sobre o baixo desenvolvimento económico e cultural do País (Fernando Bello) ou sobre a «Segregação Racial» (Ambrósio dos Santos). Em 3 de Fevereiro, o Adalberto Fontes apresentara, numa síntese valiosa, as diversas correntes do modernismo nas artes, na poesia em particular.

O Rev. P. Dr. Narciso Rodrigues veio estreitar, a 17 de Março, as nossas relações com a Acção Católica e principalmente com o meio trabalhador. Definido

o proletariado operário como a classe dominada e dominadora, analisou as barreiras que o separam da Igreja e as vias de acesso. Já na conversa final, aludiu ao perigo dum particularismo burguês que prefira os preferidos do mundo e despreze os desprezados.

*

Cedo ou tarde, os sonhos realizam-se...

No dia de S. José, gozámos um dia de boa disposição entre os nossos amigos do Seminário do Espírito Santo, em Carcavelos. No sábado, fomos nós a recebê-los e, já que tínhamos perdido ao hoquey por 3-1, ganhámos «em casa» por 5-2 ao futebol. Tudo, fraternalmente! Agradecemos ainda a sessão de cinema a que nos fora proporcionado assistir com a peça de Ghéon «S. Nicolau». Esperamos não se hajam perdido no caminho, nem a noite os tenha incomodado no percurso!

NORONHA GALVÃO

E. PINTO BASTO & C.ª L.da

— LISBOA —

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **Representações** (Industriais, etc.) CARVÃO

FOLHA DE FLANDRES E AÇOS

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

no PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

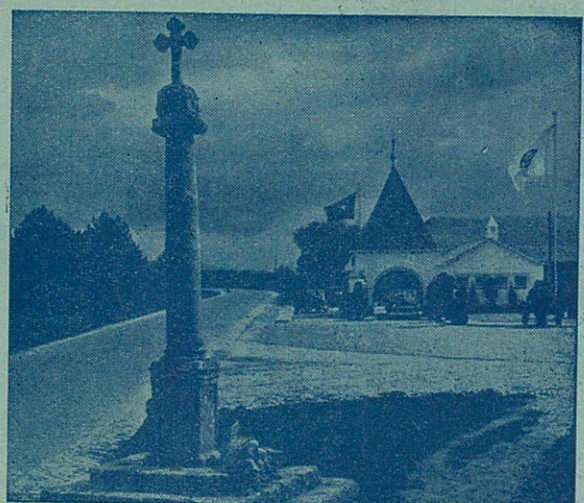
AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

Aparelhos televisores
Máquinas de barbear

Aparelhos rádio
Gira-discos

Máquinas de gravar
Frigoríficos

AS MELHORES MARCAS

GRANDE SORTIDO

Descontos especiais ao Clero

Eurico & Rosa L.da

Rua das Pretas, 18-20

Telef. — 24410 / 20183 — Lisboa

Missal Romano

Para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

Preços:

Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
chagrin c/ folhas douradas — 110$00

Pequeno Missal

Para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

Preço:

Encad. em muito boa percalina — 20$00

Novo Testamento

Traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00

Pedidos à União de São João
Gráfica de Gouveia L.da - GOUVEIA



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA
qualidade
a baixos
PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA

"HIPÓLITO"

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE

FOGÕES — LANTERNAS — PULVERIZADORES PARA TODAS AS CULTURAS — PRENSAS PARA LAGAR, MANUAIS, MECANICAS E HIDRÁULIÇAS — MATERIAL PARA ADEGA — CALDEIRAS DE DESTILAÇÃO — ETC. ETC.

Casa Hipólito, L.da

Telefone 3 e 53

TORRES VEDRAS

SAMPEDRO

M. d'Oliveira & Marques, L.da

Praça dos Restauradores, 13

TELEF. 30876 — 36 69 72 — LISBOA

SECÇÃO DOS TECIDOS PRETOS R.M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

Δ Δ Δ

Elasticotines — Sarjas — Tropicais — Camisaria — Merinos Sobretudos

Δ Δ Δ

Alfaiataria -- Capas -- Gabardines

Δ Δ Δ

Condições especiais para Finalistas

SECÇÃO DE LIVRARIA

Livros estrangeiros - Edições próprias

Δ Δ Δ

Revistas estrangeiras: Lumen de Vitae Foyer Not e Dame—Famille et College—Ecclesia—Panorama Cretien, etc.

Δ Δ Δ

Filmes fixos e de movimento: (Catequese—ensino—diversão)

Δ Δ Δ

Máquina de escrever "Antares Micron"

Δ Δ Δ

Máquinas de Projecção

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa-CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições 4 estrangeiras e 3 nacionais

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

OURIVESARIA ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191-211—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

Vaticano

CASA RUVINA Rua Formosa, 173 — PORTO

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA



FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto



A Virgem Maria gloriosa projecta, no mundo divino da eternidade, todo o corpo místico de Jesus Cristo. Ela concebeu, trouxe consigo e deu à luz a Cabeça; agora, concebe e traz consigo todos os membros, nenhum há que não seja concebido e vivificado no seio desta Mulher...

A sua coroação na glória, de forma alguma é mistério de afastamento ou abstracção. Ao contrário, graças a ela, Maria vai enchendo, cada vez mais, a Cristandade inteira da realidade da sua presença e da sua acção.

P. BERNARD, O. P.

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINARIO DE CRISTO - REI «OLIVAIS»